

KALUJIMENITA



A cedência gratuita do espaço é uma ajuda decisiva

MAUS HÁBITOS

EMPRESA CULTURAL À VISTA

É uma espécie de "case-study" no circuito portuense dos espaços alternativos. O Maus Hábitos fez dois anos no dia 1 de Abril e continua a parecer mentira: Daniel Pires, o fotógrafo por trás do espaço alternativo mais bem sucedido da cidade, lembra-se de ter encontrado o "loft" da Rua de Passos Manuel "com 30 anos de abandono em cima". Trinta mil contos e alguns empréstimos bancários depois, o Maus Hábitos fixou uma invejável corrente de público, que chega a atingir as 400 pessoas nas noites mais concorridas. Só no primeiro ano foram 25 mil visitantes. Segredo do sucesso? "O contrato de comodato que temos com a senhoria. É ela o nosso mecenas. O facto de não nos cobrar renda é uma enorme vantagem", adianta Daniel. O resto é "espírito de missão": "Faço tudo, desde receber presidentes de câmara até lavar as casas de banho", sublinha, acrescentando ser necessária "uma grande dose de coragem e de sacrifício" para que os espaços alternativos possam vingar numa cidade como o Porto.

Não depender de subsídios é pelo caminho andado para a sobrevivência, garante Daniel Pires e o primeiro a lamentar que o Maus Hábitos nunca tenha recebido nenhuma ajuda, mas não faz disso uma tragédia. Recuperou o andar com os amigos, desencantou formas alternativas de financiamento - o aluguer do espaço para "castings" e sessões fotográficas, as receitas do bar e os mais recentes "art

diners" em que se procuram mecenas dispostos a investir no projecto - e está à beira de transformar o Maus Hábitos na "primeira empresa cultural do país". Para já, é uma sociedade unipessoal com cinco funcionários fixos e um anexo: a Associação Cultural Saço Azul. "Fui obrigado a criar uma associação sem fins lucrativos para poder candidatar-me a subsídios. O Estado obriga-nos a criar estas manobras...", explica Daniel.

Actualmente, o Maus Hábitos funciona como espaço de exposições - "Já passaram por aqui trabalhos de mais de 120 artistas plásticos. É programação para uma galeria com uma vida de existência", frisa Daniel -, como bar e como sala de espectáculos. Um local onde não há consumo obrigatório mas onde é preciso pagar um bilhete de três euros sempre que há concertos ou outras actividades especiais em curso. "Nunca quis instaurar o princípio do consumo obrigatório, porque isso condicionaria este espaço como bar. O bilhete serve para pagar o 'cachet' às bandas e pouco mais, mas acho que é importante demarcar o bar da sala de espectáculos. Nos primeiros meses, fiz questão de não cobrar entradas porque queria provar que é possível sobreviver sem isso. Depois cancel-me de tirar dinheiro do bar para pagar 'cachets'", continua.

Não sentiu na pele nenhuma quebra de público. "Temos um público diferente. Há quem diga que eu nunca de-

veria ter começado a cobrar entrada. Mas, se não o tivesse feito, o Maus Hábitos seria sempre o bar da associação, e esse princípio de associação recreativa aborrece-me", argumenta ainda. Números são números: nos últimos tempos, o Maus Hábitos registou um aumento de público na ordem dos 25 por cento, mas o consumo baixou cerca de um terço. "Isto é uma espécie de salão de visitas", resume Daniel. O único da cidade, pelos vistos. "Quando o Maus Hábitos esteve fechado, as pessoas interpelavam-me na rua, visivelmente insatisfeitas por não terem para onde ir".

Prata da casa

A linha de produtos Maus Hábitos é a mais recente frente de ataque do projecto de Daniel Pires. Para já, há apenas dois itens à venda: o jogo de cama

"Amo-te" (um lençol com a declaração impressa em garrafas letras vermelhas) e a sugestiva peça de cerâmica "Made for It" (Daniel chama-lhe "um masturbador"). Ambos os produtos têm a mesma assinatura: foram imaginados por Isaque, um dos mais assíduos colaboradores do Maus Hábitos. Mas o "masturbador" é também a prova viva de que "a parceria entre a indústria e as artes é mais do que viável": o Maus Hábitos propôs à Cerâmica de Valadares que produzisse uma série limitada de peças - são 100 - e a empresa não só aceitou como fez questão de acrescentar o logótipo. São comercializadas no espaço de Daniel Pires a 300 euros e têm tido alguma saída. Mas comprar não é a única maneira de chegar perto de um "Made for It": há alguns exemplares à solta nas casas de banho do Maus Hábitos e uma instalação interactiva feita com dezenas de "masturbadores". Chama-se "São Rosas, Senhor, São Rosas" e vale bem uma espreitadela. ■

"A rede de espaços alternativos é um tecido muito frágil - até porque raramente as artes visuais possuem uma capacidade sólida de autofinanciamento."

O circuito portuense "é o mais representativo do país, em termos quantitativos."

RIYA FABIANA
FUNDAÇÃO CALOUSTE
GULEBNIAN

parte da filosofia da associação "itinerar e estabelecer relações com jovens criadores locais".

Regressar ao Grátislab está fora de questão. A renda - mil euros por mês - é "demasiado pesada" para um espaço que "estava a degradar-se". "Não é que não tivéssemos dinheiro para comportar esses custos. Mas não fazia sentido investir tanto dinheiro numa sede e depois não termos condições para um fluxo de programação mais preenchido. Se os valores de gestão do Grátislab fossem mais baixos, teríamos mais margem de manobra para programar", argumenta. O ideal seria negociar com a câmara a cedência de um espaço devoluto. A autarquia chegou a propor à associação a antiga Papelaria Reis, mas "o edifício estava em estado de degradação muito avançada e o vector segurança deixava muito a desejar". Mas há outros "espaços em vista", alguns até na Rua de Álvares Cabral. Talvez haja novidades em 2004. ■ I.N.

PAUL RECCA



Com a porta fechada, os Sentidos Grátis andam pela rua

SENTIDOS GRÁTIS

À BOLEIA DA COIMBRA 2003

De regresso ao nomadismo que fez a sua imagem de marca nos primeiros tempos de actividade, a associação Sentidos Grátis evita reincidir no discurso subsidiário-dependente. Mas a verdade é que a redução substancial do apoio monetário da câmara - a autarquia cortou a direito no subsídio, que encolheu 60 por cento - e a fusão dos institutos não ajudaram, admite João Azevedo. "A redução no apoio da câmara foi um dos pratos da balança, um peso que ajudou enormemente a desequilibrá-la. Um corte de 60 por cento é muito pesado e penaliza um trabalho em prol de uma cultura de fruição gratuita. Mas não foi só isso: com este processo de fusão do IAC (Instituto de Arte Contemporânea) em que se mistura tudo na mesma caldeira, levámos para trás em mil contos - o que para nós é muito, são cinco meses de renda". Tudo somado igual a "desmotivação", resume o vice-presidente da associação

Sentidos Grátis, que durante 15 meses manteve uma sede na rua Álvares Cabral, gerida a meias com o Festival Co-Lab.

O encerramento do Grátislab - que a Sentidos Grátis e o Co-Lab exploravam como uma espécie de laboratório gratuito de artes visuais e performativas - não significa propriamente o último capítulo da vida da associação. A estratégia que se segue é o nomadismo local: os Sentidos Grátis vão continuar a "gravitar" em torno do Porto, ainda que a única acção de programação prevista para este ano se inclua no cartaz de Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 (o módulo Sentidos Grátis é a arranca a 15 de Setembro próximo). "É uma espécie de regresso à base, no princípio da itinerância e da intervenção em locais não convencionais."

A proposta de Coimbra foi inesperada: já não estávamos a contar com nada e caiu como mel na sopa, porque não tínhamos programação estruturada para este ano", confessa João Azevedo, lembrando que "se não fosse esse convite, cada um dos elementos da associação ia aproveitar a pausa para seguir os seus projectos de formação pessoal e profissional, deixando os Sentidos Grátis em banho-maria". De resto, a "deslocalização" era algo em que já tinham pensado: faz parte da filosofia da associação "itinerar e estabelecer relações com jovens criadores locais".

Regressar ao Grátislab está fora de questão. A renda - mil euros por mês - é "demasiado pesada" para um espaço que "estava a degradar-se". "Não é que não tivéssemos dinheiro para comportar esses custos. Mas não fazia sentido investir tanto dinheiro numa sede e depois não termos condições para um fluxo de programação mais preenchido. Se os valores de gestão do Grátislab fossem mais baixos, teríamos mais margem de manobra para programar", argumenta. O ideal seria negociar com a câmara a cedência de um espaço devoluto. A autarquia chegou a propor à associação a antiga Papelaria Reis, mas "o edifício estava em estado de degradação muito avançada e o vector segurança deixava muito a desejar". Mas há outros "espaços em vista", alguns até na Rua de Álvares Cabral. Talvez haja novidades em 2004. ■ I.N.